

LEITURA CRÍTICA ICONOGRÁFICA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: EXPERIÊNCIA DO PIBID/HISTÓRIA/CERES/UFRN

Ana Gabrielle Pinto Delfino ¹

Luana Silva Cabral ²

Juciene Batista Felix Andrade ³

A sala de aula para o licenciando em formação se desdobra em muitas possibilidades. No processo de se tornar professor, o chão da escola torna-se laboratório de práticas e descobertas. Iniciativas como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) atuam para o enriquecimento do inventário de ferramentas dos participantes envolvidos, resultando na autonomia dos futuros professores. Esse trabalho, então, descreve a experiência que os bolsistas do PIBID/HISTÓRIA/CERES/UFRN tiveram no desenvolvimento de uma dessas propostas de ensino nas turmas do 9º ano da Escola Estadual Zuza Januário, em Caicó - RN.

Defronte a necessidade de pensar estratégias continuadas de ensino de História, os participantes aplicaram, na sequência de quatro aulas, iconografias – fotografias, desenhos, pinturas e impressões – como elementos acessórios à explicação do conteúdo, que foi pensado em conjunto com a supervisão do Programa. As temáticas alternaram entre conteúdos dentro da grade curricular e temas transversais decididos pelos participantes, foram estes: “A República Oligárquica”, “O cangaço”, “A Primeira Guerra Mundial” e “Teorias raciais dos séculos XIX e XX”. Todos os momentos, então, foram acompanhados de exercícios para suscitar a criticidade do aluno sobre o imagético envolvido pela temática da aula.

Anteriormente no ano letivo, os participantes construíram um perfil diagnóstico da turma, identificando suas maiores dificuldades e preferências dentro do contexto de aprendizado. Sendo assim, a escolha da referida estratégia de análise de iconografias e imagens históricas levou em consideração não somente seu melhor recebimento naquela turma, mas também sua sugestão pelo livro didático utilizado pela professora titular dos

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, a.gabrielle.pd@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, luana.silva.063@ufrn.edu.br;

³ Coordenadora do PIBID/História/Ceres. Professora do Departamento de História do Ceres/UFRN, juciene.andrade@ufrn.br;

alunos, a cargo da supervisão do Programa. No planejamento das atividades, os participantes buscaram a construção de um olhar crítico para os elementos compositores de imagens históricas, além de demonstrar como, a partir do entendimento dos acontecimentos, a visão sobre um determinado produto iconográfico pode se transformar, tornando explícita a narrativa que o acompanha.

Reiterando, no decorrer dos encontros, os temas delimitados para a discussão foram complementados com um breve exercício de análise imagética, e percebeu-se que a participação dos alunos se tornou cada vez mais ativa. A turma, que de início se mostrava apreensiva e tímida em responder os questionamentos, se tornou confiante em expressar, em voz alta, as próprias impressões sobre a(s) iconografia(s) colocada(s) em debate. Essa vista mudança progressiva de atitude só foi possível pelo contínuo estímulo dos participantes durante o ministrar da aula, as principais formas de instigar a participação dos jovens foi através de perguntas-problemas: “Quem são os personagens dessa obra?”, “Quem está no centro?”, “Como o título da obra se relaciona com a imagem?”, “Na sua opinião, que mensagem está sendo transmitida?”, etc. É importante salientar que essas indagações foram realizadas de forma oral pelos ministrantes, e por isso seguiram diferentes fluxos dialogados a depender da devolutiva dos alunos.

Como dito, para uma melhor adequação à dinâmica escolar, os participantes escolheram ser guiados pelo material didático no planejamento das atividades dos encontros quinzenais com as turmas. No livro indicado, Seriacopi e Azevedo (2018) sugerem, conjuntamente ao manual escolar, uma abordagem pautada na análise imagética. Esse direcionamento para o formato iconográfico (pinturas, fotografias, desenhos e vídeos) é justificado pela emergência das tecnologias da informação e seu protagonismo na vida cotidiana de todas as pessoas, em especial as crianças e adolescentes. Com os incessantes *gigabytes* de imagens acessados todos os dias por esses jovens, urge uma formação que desenvolva a criticidade sobre as imagens e direcione a atenção para a narrativa que aquelas imagens sustentam. Nesse mesmo viés, Bittencourt (2008), ao elencar a variedade de elementos acessórios disponíveis para o Ensino de História, coloca as imagens como um recurso primordial para demonstrar a relação entre mídias e mentalidades em uma sociedade, e como este é um fenômeno presente em várias temporalidades além do contemporâneo. Desde o fotojornalismo das novas repúblicas americanas, os cartazes propagandistas do nacionalismo e da guerra, até as xilogravuras que ilustram a poesia popular que é o cordel, diferentes suportes imagéticos serviram e ainda servem para sustentar narrativas históricas, e por isso é indispensável sua abordagem dentro de sala de aula. Como aponta Albuquerque

Júnior (2019), a História enquanto aspecto da humanidade tem como motivação a construção de subjetividade dos indivíduos. Para tal, é preciso que se tenha consciência dos discursos que circundam a vivência cotidiana, e essa habilidade só se torna viável a partir de um ensino de História que se preocupe com isso, que se proponha a questionar sempre.

A primeira aula ministrada pelos participantes ocorreu em 10 de abril de 2023. Nesta, foi apresentado aos discentes a temática “A República Oligárquica”. O exercício pensado para inaugurar a estratégia deu-se com a divisão dos alunos em grupos. A esses grupos, foram entregues fotografias, charges e pinturas que se relacionavam com a temática da aula – que já tinha sido discutido pela professora durante o horário de aula normal. Dado o tempo de observação, ao serem solicitados para interpretar as imagens, o resultado foi bem discrepante, enquanto alguns grupos conseguiram associar a figura ao conteúdo, outros sequer tiveram a iniciativa de estudar os elementos das imagens para pensar sua relação com o tema da aula. A partir dessas respostas à atividade, prosseguiu-se com uma revisão do assunto para reforçar as noções que estavam deficitárias no imaginário dos alunos.

No segundo encontro, dia 24 de abril de 2023, foi abordado o tema referente ao Cangaço, com objetivo central de explorar as dimensões holísticas do fenômeno do banditismo rural nordestino e analisá-lo como um processo histórico multifacetado, investigando suas raízes, contextos e desdobramentos na história regional. Vale ressaltar que esse tópico foi abordado de maneira interdisciplinar, conformando-se com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estipuladas no documento de 2018 (Brasil, 2018, p.19). No estágio preliminar, houve uma retomada concisa do conteúdo abordado na aula anterior sobre a República Oligárquica, que incluiu uma abordagem introdutória ao Cangaço e suas ocorrências. A partir desse contexto, a turma foi subdividida em quatro grupos, aos quais foram atribuídos diversos materiais para análise. Os recursos designados foram: o bilhete de Lampião ao Coronel Rodolfo, prefeito de Mossoró no Rio Grande do Norte; uma matéria jornalística que publica e transcreve esse documento; segmentos da história em quadrinhos “Carniça e a Blindagem Mística” autoria de Francisco José Souto Leite⁴; capas de folhetos de cordel cuja temática gira em torno de Lampião e o Cangaço; e recortes de notícias referentes à perseguição e ao óbito de Lampião. No desdobramento subsequente, os estudantes foram encorajados a expor suas interpretações individuais a respeito de cada imagem e fonte documental. Como parte da estratégia, a instrução prosseguiu por meio da projeção de

⁴ Conhecido no meio artístico como Shiko é um autor e ilustrador de histórias em quadrinhos natural de Patos, na Paraíba. Dentre seus trabalhos, a temática sertaneja é muito forte e suas ilustrações naturalistas trazem o ar sombrio devido à essa temporalidade.

apresentações de slides, uma exposição elucidativa por parte dos instrutores. Esta abordagem não apenas permitiu a contextualização das imagens distribuídas, mas também promoveu uma imersão lúdica no conteúdo. Durante o decorrer da explicação, uma intersecção consciente se estabeleceu entre as imagens apresentadas e os elementos do conteúdo da aula. Neste contexto, os alunos reagiram com interesse a partir do momento que se foi estabelecido uma conexão entre o tema a ser discutido e a realidade local deles. Por exemplo, muito se falou sobre Coronelismo ao descrever a ação dos cangaceiros para com estes agentes do poder sertanejo, e foi motivo de comoção quando a avenida principal da cidade de Caicó, Rio Grande do Norte – Av. Coronel Martiniano – foi instrumentalizada como ilustração do poder sobre a memória que os coronéis ainda mantêm. Por mais que pareça uma associação óbvia, a partir dessa pontuação uma conscientização histórica e cultural da região geográfica em que os alunos estão inseridos gradualmente foi emergindo.

Retomando a sequência de aulas dentro do viés deste trabalho, no dia 26 de junho de 2023, a análise foi de propaganda nacionalista de guerra — nesse caso, a imagem utilizada foi o pôster “*Are you in this?*” do britânico Robert Baden-Powell —, presente na aula “Primeira Guerra Mundial”. O momento foi pautado por debates, com uma constante colaboração dos alunos, onde expuseram suas opiniões a respeito de uma série de problemáticas expostas pelos participantes. Dentre as quais destacam-se: “Que tipos de guerra já aconteceram?” e “Por que ocorrem as guerras?”, para introduzir a discussão. Ao fim da exposição sobre os motivos da Grande Guerra, a dita propaganda foi projetada no quadro e sua composição foi posta em discussão. Nesse interim, os alunos foram capazes de associar os personagens da propaganda em questão (o soldado e o marinheiro — aqui incorporando as instituições do Exército e da Marinha Britânica — sendo sustentados pelos trabalhadores de fábricas, pela enfermeira, pelo escoteiro e pelo empresário) ao que foi anteriormente discutido e a eventos do presente, problematizando os discursos nacionalistas que reverberam nas redes sociais.

O último encontro com a turma e o fechamento do ciclo de discussões, em 14 de agosto de 2023, teve como objetivo introduzir conceitos acerca do surgimento das Teorias Raciais nas ciências. A aula foi aberta com a disposição da tela “A Redenção de Cam”, de 1895, de autoria do pintor eugenista espanhol, radicado no Brasil, Modesto Brocos. Estando a imagem impressa em um cartaz e posta no quadro para visualização geral, teceu-se, um debate ao redor daquela obra. Logo os alunos disseram que a pintura lhes era inédita e por isso os participantes fizeram uma breve contextualização antes de partir para a problematização – foram expostas as informações de título, data e autoria. Seguindo o planejamento, os personagens da obra e suas inter-relações foram questionados. Os alunos

conseguiram identificar a relação matrimonial entre a mulher parda e o homem branco, mas ao pensar na presença da idosa negra e retinta, viram-na como uma serviçal na cena. Problematizando essa leitura espontânea dos alunos, os participantes corrigiram o contexto da obra — que a mulher negra é, na verdade, mãe da moça mestiça — e chamando a atenção dos discentes para suas concepções mediante etnia, exclusão e opressão. Além disso, foi pensado também o título da obra, o significado da palavra “redenção” e como a obra traduzia uma mentalidade permeada por teorias raciais muito discutidas ao fim do século XIX, e decorrer do XX, como a ideia de Darwinismo Social, muito associado a Hebert Spencer, e a Eugenia de Francis Galton, além do conceito brasileiro de Democracia Racial, cunhado por Gilberto Freyre.

Após a conclusão dos quatro encontros, constatou-se que os estudantes gradualmente desenvolveram a capacidade de identificar as escolhas de composição das obras e a relação entre seus elementos, bem como passaram a se esforçar para extrair a narrativa implícita do iconográfico. Os participantes buscaram variar a natureza dos exercícios, do suporte imagético durante a sequência de encontros, de forma a experimentar diferentes abordagens da ferramenta pensada. Algumas aulas foram introduzidas pelo elemento iconográfico, enquanto outras foram complementadas ao final por este. O que se pode afirmar, a partir dessa experiência, é que a incorporação da análise imagética como recurso acessório à exposição do conteúdo revelou-se, nesse caso, uma estratégia que permitiu instigar um olhar crítico dos discentes sobre o universo das imagens. A variedade das temáticas escolhidas dependeu do cronograma de conteúdos previamente pensado pela professora supervisora, à parte do desenvolvimento da ferramenta. Por isso, os participantes estão seguros da versatilidade dessa estratégia em se adequar aos mais diversos temas a serem discutidos em sala de aula, podendo ser adaptada às necessidades do professor que decidir se inspirar nessa experiência para incrementar sua prática docente.

Palavras-chave: Iconografia. Análise Imagética. Leitura crítica. Ensino de História.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Fazer Defeitos nas Memórias: para que servem a escrita e o ensino da história?. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O tecido dos tempos (novos ensaios de Teoria da História)**. São Paulo: Intermeios, 2019.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2ª edição. São Paulo: Cortez. 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- SERIACOPI, R.; AZEVEDO, G. **Inspire História: 9º ano : ensino fundamental : anos finais**. 1ª edição. São Paulo: FTD. 2018.